

O ensino de latim no 3º grau: a manutenção da tradição ou a alienação do educando

Francisco Diniz Teixeira
Mestre em Estudos Literários pela UNESP/CAR – SEE – DE de Carapicuíba
chicodinizteixeira@yahoo.com.br

Resumo: Este texto é uma versão revista de uma palestra apresentada na Semana de Letras da Universidade do Grande ABC – UNIABC – em 2006. Nele, são apresentadas algumas considerações sobre a origem da descrição lingüística do Latim presente em diversos manuais utilizados nos Cursos de Letras brasileiros para o seu ensino, seguidas de algumas reflexões sobre essa prática.

Palavras-chave: descrição do latim – declinações – manuais – ensino tradicional.

1. Introdução

Vivemos uma época de revisão de valores em nossa sociedade e, um deles em especial, passa por uma crise profunda: o ensino. Atualmente, a maneira como muitos dentre nós aprendemos, chamada de tradicional, exigia do aluno apenas um esforço de memorização mecânica, por se construir com regras e exceções, tabelas e mais tabelas. Esse processo balizou por muito tempo o ensino de nossa língua materna, como afirma Márcia Kraemer (2006, p. 7):

Na *Escola Tradicional* impera a pedagogia do *Certo* e do *Errado*, traduzida por um modelo lingüístico que privilegia as classes dominantes e discrimina as demais formas de uso da língua. Esse conceito procura cercear certas manifestações da língua, norteando o aluno para a aquisição de uma variante ideal, cujo modelo é apresentado por autores clássicos e indivíduos de altas esferas socioculturais.

Como substituto a este modelo tradicional, observamos a implantação do modelo sócio-construtivista, sinônimo de modernidade entre as teorias pedagógicas, por pregar a construção do conhecimento como um processo ativo da parte do aluno, que deixa de ser considerado como mero receptor de informações e, que passa a ter o papel de sujeito ativo na construção de seu próprio saber. Mas a teoria sócio-construtivista não tem respondido, na prática, aos anseios de renovação no ensino, pois o construtivismo que se praticou no Brasil em muitos pontos distanciou-se muito daquilo que Piaget teorizou, servindo mais como ferramenta de exclusão do aluno em relação ao saber do que o método tradicional.

2. A tradição na descrição do latim

O ensino do latim, como sabemos, foi parte do currículo da escola básica e média até os anos 1960 no Brasil, quando uma reforma na Lei de Diretrizes e Bases da educação o suprimiu da grade escolar e o reservou apenas aos cursos de Letras, pois ele deveria servir “ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (LIMA, 1995. p. 24), tal como preza a nossa Constituição. Mas o que se observa é que o ensino de latim reservado aos cursos de Letras, dado o seu caráter instrumental, isto é, de desenvolvedor de competências e habilidades, está muito longe daquilo que a Carta Magna espera para o cidadão.

Isso se dá porque o latim que se ensina em apenas um ano é justamente aquele que pessoas de mais idade associam ao modelo cristalizado do ensino tradicional, devido às suas tabelas de declinações, verbos, preposições, pronomes etc., e que era tido como modelo de língua regular, devido às suas construções sintéticas e a toda tradição que o ensino escolar a ele associou. E a maneira como se ensina o latim, hoje nos Cursos de Letras, em nada está distante da maneira como os professores que o trabalhavam na escola básica há 50 anos o faziam e a única diferença, entre esses dois períodos, reside na sua duração dentro do Currículo. Logo, ao invés de durar 7 ou 3 anos, os alunos são obrigados a freqüentar as aulas dessa matéria “chata” por apenas um ano. E muitos a consideram chata por ainda serem apresentados às mesmas e infundas tabelas, que seus pais e avós conheceram a quase 50 anos, da mesma forma.

Esse ranço que os mais velhos associam ao latim, provém da maneira como era ensinado, pois, a sua descrição foi o paradigma modelar para a formação dessa visão de *Certo* e *Errado* na língua, apoiada em citações exemplares de escritores consagrados, devido às regularidades de seu sistema lingüístico e que persiste na descrição de nossa língua materna, mesmo sem a língua de Roma por lhe fazer companhia na escola básica.

A descrição do sistema lingüístico do latim que se faz presente em obras como *Noções Fundamentais da Língua Latina(1)*, de Napoleão Mendes de Almeida e na série *Gradus* (Primus, Secundus, Tertius et Quartus), de Paulo Rónai – muito comuns e de fácil aquisição no mercado editorial brasileiro – é a mesma que Élio Donato fez, no século IV de nossa era, na sua *Ars Grammatica*. Alguns aspectos em relação à descrição que Donato faz do latim devem ser ressaltados, mas seria interessante aqui conhecer um trecho de seu manual:

“DE NOMINE

nomen quid est? pars orationis cum casu corpus aut rem proprie communiterue significans.

[...]

casus nominum quot sunt? sex.

qui? nominatiuus genetiuius datiuus accusatiuus uocatiuus ablatiuus. per hos omnium generum nomina pronomina participia declinantur hoc modo: *magister* nomen appellatiuum generis masculini numeri singularis figurae simplicis casus nominatiui et uocatiui, quod declinabitur sic: nominatiuo *hic magister*, genetiui *huius magistri*, datiuo *huic magistro*, accusatiuo *hunc magistrum*, <uocatiuo *o magister*>, ablatiuo *ab hoc magistro*; et pluraliter nominatiuo *hi magistri*, genetiui *horum magistrorum*, datiuo *his magistris*, accusatiuo *hos magistros*, uocatiuo *o magistri*, ablatiuo *ab his magistris*. *Musa* nomen appellatiuum generis feminini numeri singularis figurae simplicis casus nominatiui et uocatiui, quod declinabitur sic: nominatiuo *haec Musa*, genetiui *huius Musae*, datiuo *huic Musae*, accusatiuo *hanc Musam*, uocatiuo *o Musa*, ablatiuo *ab hac Musa*; et pluraliter nominatiuo *hae Musae*, genetiui *harum Musarum*, datiuo *his Musis*, accusatiuo *has Musas*, uocatiuo *o Musae*, ablatiuo *ab his Musis*.”

Correspondente vernáculo:

Sobre o Nome

O que é o nome? É a parte do discurso com caso, forma ou palavra portadora de significado, próprio ou comum.

[...]

Quais são os casos dos nomes? Seis.

Quais? Nominativo, genitivo, dativo, acusativo, vocativo e ablativo. Estes são declinados para os nomes, pronomes e participios de todos os gêneros, desta forma: *magister*, nome comum, do gênero masculino, de número singular, de sentido denotativo, do caso nominativo e vocativo, que se declinará desta forma: no nominativo *este professor*, no genitivo *deste professor*, no dativo *a este professor*, no acusativo *este professor*, no vocativo *ó professor*, no ablativo *por este professor*; e no plural, no nominativo *estes professores*, no genitivo *destes professores*, no dativo *a estes professores*, no acusativo *estes professores*, no vocativo *ó professores*, no ablativo *por estes professores*. *Musa*, nome comum, do gênero feminino, de número singular, de sentido denotativo, do caso nominativo e vocativo, que será declinada assim: no nominativo *esta Musa*, no genitivo *desta Musa*, no dativo *a esta Musa*, no acusativo *esta Musa*, no vocativo *ó Musa*, no ablativo *por esta Musa*; e no plural, no nominativo *estas Musas*, no genitivo *destas Musas*, no dativo *a estas Musas*, no acusativo *estas Musas*, no vocativo *ó Musas*, no ablativo *por estas Musas*.

A *Ars Grammatica* que Donato escreveu, e que foi uma das mais utilizadas no ensino de latim durante a Idade Média, era uma espécie de manual para consulta em sala de aula. Sua preocupação é a de definir apenas e descrever, resumidamente, aquilo que seriam as formas certas na língua dos romanos. Os escritores do cânone são o seu modelo de correção e, dentre eles, o mais recorrente é Virgílio, eleito como modelo do bom latim, citado mais freqüentemente no trecho em que o gramático discorre sobre estilística. Donato escreve para falantes nativos de latim (ainda que numa época tardia e distante do período áureo da produção artística feita na língua), portanto para aqueles que têm contato com a língua em sua oposição fundamental, *língua X fala*, isto é, entre seu sistema e seu uso. Este fato justificaria sua descrição concisa e objetiva, complementar à leitura dos escritores canônicos.

O grande problema que se enfrenta nas salas de aula em que o ensino do latim enquanto língua persiste, está na permanência deste modelo de descrição de língua que Donato faz, 15 séculos depois, mesmo com o desaparecimento dos falantes nativos do latim e de sua cultura. E por essa descrição se perpetuar numa época em que a *fala* da língua desapareceu, o seu ensino acabou por exigir do aluno apenas a memorização forçada de formas, que nada lhe dizem de significativo, por não lhe exigirem a reflexão que a aprendizagem de uma língua estrangeira exige, nem no oferecimento dos benefícios indissociáveis à aquisição de uma segunda língua, seja ela clássica, ou moderna.

3. A descrição do latim em manuais brasileiros

Tendo visto a origem do modelo de descrição lingüística do latim, observemos então como ele é tratado em alguns manuais produzidos no Brasil no século passado. Começaremos com dois manuais produzidos na década de 1940 e que são utilizados de forma intensa em diversos Cursos de Letras no estado de São Paulo, os livros de Paulo Rónai e Napoleão Mendes de Almeida. Apresentaremos alguns fragmentos, sobre um mesmo tópico, das obras: *Gradus Primus*, de Paulo Rónai, *Noções Fundamentais da Língua Latina*, de Napoleão Mendes de Almeida, *Programa de Latim: Introdução à língua latina*, volume 1, de Júlio Comba, *Introdução à teoria e prática do latim*, de Janete Melasso Garcia e *Latina Essentia*(2), de Antônio Martinez de Resende.

Examinemos então, como Paulo Rónai (2004, p. 31-33.), por exemplo, aborda e descreve a **1ª declinação** em sua obra *Gradus Primus*, destinada aos alunos de ginásio do final dos anos 1940:

IX. VITA AGRICOLARUM

Agricōlae semper sub divo vivunt. Parum dormiunt, mature surgunt. Terram arant, plantas aquā rigant. Avicūlas audiunt, umbrā silvarum gaudent. Diligentīa agricolorum patriam nutrit. Poëtae laudant vitam agricolorum.

VOCABULÁRIO

<i>sub divo</i>	ao ar livre	<i>aro, -as, -are</i>	lavar
<i>vivo, -is, -ēre</i>	viver	<i>avicūla</i>	passarinho
<i>parum (adv.)</i>	pouco	<i>audiō, -is, -ire</i>	ouvir, escutar
<i>dormiō, -is, -ire</i>	dormir	<i>umbra</i>	sombra
<i>mature</i>	cedo	<i>silva</i>	selva, floresta
<i>surgo, -is, -ere</i>	levantar-se	<i>diligentiā</i>	diligência
<i>Terra</i>	terra	<i>nutriō, -is, -ire</i>	nutrir, alimentar

[...]

§ 17º As declinações.

Encontramos até agora os casos seguintes: nominativo, vocativo, acusativo, genitivo, dativo, ablativo. O conjunto dos casos chama-se declinação. Declinar um nome significa enumerar os seus seis casos no singular e no plural, ou, em outras palavras, enunciar as diversas formas que ele reveste conforme as funções que desempenha na frase. Em latim declinam-se os substantivos, os adjetivos e os pronomes. A declinação de todas estas palavras não é, porém, idêntica. Existem cinco maneiras de declinar os substantivos, isto é, cinco declinações.

§ 18º Primeira declinação

NOMES TERMINADOS EM -A

Modelo: *rosa, -ae* ("rosa").

CASO	FUNÇÃO	SING.	TRADUÇÃO	PLUR.	TRADUÇÃO
Nominativo	Sujeito	<i>ros-a</i>	"a rosa"	<i>ros-ae</i>	"as rosas"
Vocativo	Interpelação	<i>ros-a</i>	"ó rosa!"	<i>ros-ae</i>	"ó rosas!"
Acusativo	obj. direto	<i>ros-am</i>	"a rosa"	<i>ros-as</i>	"as rosas"
Genitivo	adj. Restr.	<i>ros-ae</i>	"da rosa"	<i>ros-arum</i>	"das rosas"
Dativo	obj. indireto	<i>ros-ae</i>	"à rosa"	<i>ros-is</i>	"às rosas"
Ablativo	adj. circunst.	<i>ros-a</i>	"com a rosa"	<i>ros-is</i>	"com as rosas"

EXERCÍCIOS

1. Conjugar no presente do ind. e do imp.: *vivo. dormio, nutrio*;
2. Procurar na leitura os verbos da I conjugação e depois os da II conjugação, da III e da IV.
3. Pelo modelo de *rosa*, declinar: *terra, agricola, puella. mensa*.
4. Dizer em que casos podem estar e que podem significar as palavras seguintes: *aqua; patriae; poëtis*.
5. Transportar as três primeiras frases da leitura para o singular.
6. Traduzir por escrito:

Os lavradores amam a terra da pátria. As alunas escutam os passarinhos da floresta. A diligência das escravas nutre as senhoras.

Já Napoleão Mendes de Almeida (1958, p. 32-35), em seu livro *Noções Fundamentais da Língua Latina*, apresenta na sétima lição a **1ª. declinação** desta forma:

LIÇÃO 7

1ª. DECLINAÇÃO

45 – Pertence à primeira declinação toda a palavra que tem o genitivo singular em *ae*. Quase todas as palavras desta declinação são do gênero feminino, havendo algumas do gênero masculino (nomes de homens, de seres do sexo masculino, de certas profissões e de alguns rios).

46 – As **desinências da 1ª. declinação** são as seguintes:

SINGULAR		PLURAL	
NOMINATIVO	a	NOMINATIVO	ae
VOCATIVO	a	VOCATIVO	ae
GENITIVO	ae	GENITIVO	arum
DATIVO	ae	DATIVO	is
ABLATIVO	a	ABLATIVO	is
ACUSATIVO	am	ACUSATIVO	as

47 – Note o aluno a existência de casos iguais (no singular há três casos terminados em *a* e dois em *ae*; o plural tem dois terminados em *is*). Não pense, porém, que isso traz confusão há frase. A análise dos termos da oração indica em que caso está a palavra. Justamente no fato de o latim obrigar-nos a analisar, a pensar, é que está a sua importância e proveito para a nossa inteligência, educando-nos, instruindo-nos, desenvolvendo nossa capacidade de análise científica, de concentração de espírito, de atenção.

48 – Declinação de um nome feminino: *rosa, rosae* (= rosa):

	SINGULAR		PLURAL		
	radical	desinência		radical	desinência
NOM.	ros	– a	NOM.	Ros	– ae
VOC.	ros	– a	VOC.	Ros	– ae
GEN.	ros	– ae	GEN.	Ros	– arum

DAT.	ros	– ae	DAT.	Ros	– is
ABL.	ros	– a	ABL.	Ros	– is
AC.	ros	– AM	AC.	Ros	– as

Nota – Como pode observar o aluno, o radical permanece invariável em todo o decurso da declinação. Nenhuma dificuldade existe, portanto, para declinar uma palavra, pois basta, uma vez descoberto o radical, coisa que já sabemos achar (§ 32 e 39), acrescentar-lhe a desinência do caso que se deseja. Vemos, por conseguinte, que o importante é saber muito bem de cor as desinências da declinação a que pertence a palavra.

Qualquer palavra pertencente à 1ª declinação, que seja do gênero feminino, declina-se como *rosa, rosae*, como por exemplo, as seguintes:

<i>fabula, fabulae = fábula</i>	<i>praeda, praedae = presa</i>
<i>via, viae = via, caminho</i>	<i>musca, muscae = mosca</i>
<i>gloria, gloriae = glória</i>	<i>stella, stellae = estrela</i>

49 – Declinação de nome masculino: *nauta, nautae* = marinheiro:

SINGULAR		PLURAL	
NOM.	<i>naut-a</i>	NOM.	<i>naut-ae</i>
VOC.	<i>naut-a</i>	VOC.	<i>naut-ae</i>
GEN.	<i>naut-ae</i>	GEN.	<i>naut-arum</i>
DAT.	<i>naut-ae</i>	DAT.	<i>naut-is</i>
ABL.	<i>naut-a</i>	ABL.	<i>naut-is</i>
AC.	<i>naut-am</i>	AC.	<i>naut-as</i>

Nota – A não ser a diferença de gênero, nenhuma outra diferença existe entre a declinação de *rosa, rosae* e *nauta, nautae*. Vê, portanto, o aluno que declinar em latim não é bicho de sete cabeças, a não ser para alunos relapsos, descuidosos do estudo. O que é preciso, tão somente, é **SABER DE COR, MUITO BEM DE COR, AS DESINÊNCIAS** de cada declinação.

[...]

QUESTIONÁRIO

1 – Para que uma palavra pertença à 1ª. declinação, como deve terminar no genitivo singular?

2 – De que gênero são as palavras pertencentes à 1ª. declinação?

3 – Quais são as desinências da 1ª. declinação? (No responder indique os casos, dizendo tudo de cor e sem titubear. Quem não souber muito bem de cor as desinências das declinações jamais saberá latim).

4 – O fato de haver desinências iguais numa declinação perturba a compreensão de um texto latino? Porquê?

5 – Há alguma dificuldade para declinar uma palavra em latim? Porquê?

6 – Qual o radical de **planta, plantae**? Como fez para encontrá-lo? Decline essa palavra, discriminando todos os casos, primeiro no singular, depois no plural.

Algumas páginas adiante (ALMEIDA, 1958, p. 38, 42 e 46), Napoleão apresenta frases que não possuem uma indicação de autoria para tradução como exercício de fixação do conteúdo, além de frases em português para serem vertidas ao latim.

Fora isso, o QUESTIONÁRIO apresentado ao final da lição não tem outra finalidade que não a de fazer o aluno decorar o assunto da lição sob as ameaças do professor severo tal como neste aviso: “O que é preciso, tão somente, é **SABER DE COR, MUITO BEM DE COR, AS DESINÊNCIAS** de cada declinação”? (ALMEIDA, 1958, p. 33).

E o parêntese da questão 3 “Quem não souber muito bem de cor as desinências das declinações jamais saberá latim”! (ALMEIDA, 1958, p. 34). Sob ameaças como essa e na pressão de memorizar tanta informação, como esperar que o aluno aprenda latim? Algo difícil de imaginar nas atuais condições em que o latim integra o currículo dos cursos de Letras.

Vejamos como Comba (2002, p. 44-45.) aborda o mesmo assunto em sua obra, *Programa de Latim: Introdução à língua latina*, volume 1:

68 PRIMEIRA DECLINAÇÃO

69 Genitivo singular: *-ae*

Todos os substantivos da 1ª declinação se flexionam como *rosa, rosæ* (f.):

Casos	Singular		Plural	
Nom.	ros-a	a rosa	ros-æ	as rosas
Gen.	ros-æ	da rosa	ros-árum	das rosas
Dat.	ros-æ	à rosa	ros-is	às rosas
Acus.	ros-am	a rosa	ros-as	as rosas
Voc.	ros-a	ó rosa	ros-æ	ó rosas
Abl.	ros-a	pela rosa	ros-is	pelas rosas

Obs. – Mais tarde aprenderemos que o “a” da terminação do nominat. e do vocat. é breve, e que o “a” da terminação do ablat. é longo.

70 EXERCÍCIO

a) Declinem-se estes substantivos femininos: *casa, casae* choupana; *luna, lunae* lua; *rota, rotae* roda; *coróna, coronae* coroa; *via, viae* rua; *lácrima, lacrimae* lágrima.

b) Declinem-se estes substantivos masculinos: *convíva, ae* comensal; *colléga, ae* colega; *nauta, ae* marinheiro; *poëta, ae* poeta; *íncola, ae* habitante; *scurra, ae* bobo.

[...]

73 TRADUÇÃO

1 Puella amat rosam. 2 Domina vocat ancillam. 3 Nauta amat lunam et stellas. 4 Puellae amant coronas rosarum(3). Nos amamus poëtas. 6 Vos donatis puellis coronas rosarum. 7 Luna et stellae illustrant terram. 8 Ego laudo sollertiam puellarum. 9 Feminae non amant pugnas. 10 Ciconiae devorant ranas. 11 Domina vocat ancillas. 12 Agricolaе donant puellis rosas et columbas. 13 Opera agricolae fecundat terram.

Observemos, agora, como Janete Melasso Garcia (1993, p. 33, 34 e 40.) aborda o mesmo assunto em seu livro, *Introdução à teoria e prática do latim*:

A) 1ª declinação: tema em *-a*

Características:

1) a principal característica das declinações é a desinência de genitivo singular, que na 1ª declinação é *-ae*.

2) há predominância de palavras do gênero feminino, se bem que existam algumas do gênero masculino, como nomes de homens, profissões masculinas, seres do sexo masculino e nomes de alguns rios.

Observação: O dicionário registra, após o enunciado do verbete, o gênero da palavra, e o aluno deverá desde logo acostumar-se a consultá-lo com atenção. Ex.: rana, -ae, f.

Desinências da 1ª declinação:

<i>Singular</i>		<i>Plural</i>	
N.	-ã	N.	-ae
G.	-ae	G.	-arum
D.	-ae	D.	-is
Ac.	-am	Ac.	-as
V. =	ao nom.	V. =	ao nom.
Abl.	-ã	Abl.	-is

Exemplo:

<i>Singular</i>		<i>Plural</i>	
N.	ran ã (= rã)	N.	ran ae
G.	ran ae	G.	ran arum
D.	ran ae	D.	ran is

Ac.	ran am	Ac.	ran as
V.	= ao Nominativo	V.	= ao Nominativo
Abl.	ran ā	Abl.	ran is

Nota 1: como já foi dito, o caso Locativo só foi preservado na 1ª. e 2ª. declinações. O Locativo na 1ª. declinação é: -ae (Ex: Rom-ae).

Nota 2: há palavras que apresentam um significado no singular e outro no plural; o aluno deverá sempre ler o verbete do dicionário com muita atenção, pois a diferença de significado é registrada.

Nota 3: há palavras que são usadas apenas no plural; o aluno, quando não encontrar a palavra do texto com o enunciado no singular (-a, -ae), deverá procurá-la no plural (-ae, -arum).

[...]

Texto 1 – *In schola*

Ecce schola.

Puellae magistram salutant.

Tulia magistra est. Discipulae sunt: Caecilia, Claudia, Liuia et Márcia. Caecilia poetae filiae est; Claudia Liuiaque agricolae filiae sunt.

Hodie nautae filiae hic non est.

Discipulae magistrae historias amant. *Caecilia et Claudia attentae sunt dum magistra ranae fabulam discipulis narrat.* Liuia sedula non est.

Já, Antônio Martinez de Resende (2005, p. 21-22) aborda a descrição da 1ª declinação em seu livro de forma um pouco diferente da apresentada pelos gramáticos anteriores, pois se concentra apenas na oposição entre os casos Nominativo e Acusativo, sem, contudo, utilizar uma perspectiva diferente da cristalizada no paradigma das declinações:

I – SUBSTANTIVOS

TEMA EM -A

Um substantivo de tema em –A tem as seguintes flexões:

	singular	Plural
nominativo	-a	-ae
acusativo	-am	-as

nom.	fem̃A	fem̃AE	poetA	poetAE
acus.	fem̃AM	fem̃AS	poetAM	poetAS

I – TRADUZIR FRASES.

[...]

1. Lucĭa amicas uisĭtat.
2. Poetae nautas laudant.
3. Nauta nauĭculam gubernat.

4. Vulpecūla gallinas uidet.
5. Gallinae uulpecūlam timent.
6. Poetae amant littēras.

4. Considerações sobre a descrição do latim nos manuais brasileiros elencados

A maneira como Rónai e Almeida descrevem a língua, para crianças de 5^a. série entre os anos 1940-50, talvez, se justifique no contexto da época, mas a sua exposição e execução em sala de aula, por iniciantes adultos, atualmente, seria equivocada. A mesma abordagem se faz presente em autores posteriores a Rónai e Almeida, como Comba, Garcia e Rezende.

Não acreditamos que a persistência deste modo para apresentar a morfologia nominal latina se mantenha apenas por outra razão, que não a manutenção de uma tradição muito distante de nós, pois cremos que a Didática das Línguas e a Lingüística Aplicada são capazes de fornecer subsídios teóricos e metodológicos que possam ocupar o lugar desse trabalho insistente com listas de paradigmas.

Esse apego à tradição traz alguns obstáculos atrelados a si e detectados nas cinco obras citadas no corpo deste texto, que tornam o aprendizado da língua latina, algo excruciante, como:

- a) a inadequação metodológica, principalmente quando ainda se adotam as obras de Rónai e Almeida para iniciantes adultos nos cursos de Letras.
- b) descrição da língua de forma estanque, como se os latinos a aprendessem e utilizassem por blocos programáticos, ao contrário do que nos mostram os textos literários (documentos que registram o uso da língua feito por seus falantes, ainda que em parte deles predomine a função poética Jacobsoniana).
- c) descrição de cada declinação apoiada em textos inautênticos e reforçada por uma bateria de exercícios, que visa apenas à memorização forçada de formas alheias ao aluno e que somam 60 formas se, se espera que o aluno “aprenda” as cinco declinações nominais.
- d) desconsideração do latim como uma língua natural, de sincronia fechada, e que veiculou uma cultura existente durante um dado período no tempo, a saber, a cultura romana.
- e) exigência de memorização de vocabulário e de formas nominais e verbais flexionadas a esmo, de uma língua que não mais propicia a aquisição de competências lingüísticas como produção oral, recepção oral e produção escrita de discursos.

O grande problema deste método para o trabalho com iniciantes adultos é que eles são tratados como se fossem ainda alunos de 5^a. série, que estão sempre prontos a fazer o que o professor solicita. Isto configura um sinal de alienação, pois o adulto que se submete a isso, ainda que temporariamente, o faz para obter o máximo conceito na avaliação da disciplina em é submetido a essa abordagem. E adultos não admitem uma abordagem alienante como esta, que exige demasiado esforço mnemônico, mas deslocada de sua realidade.

A abordagem da tradição escolar é a grande responsável pelo declínio do prestígio de que o latim gozava outrora, pois em mais de um século de estudos da linguagem, parece que a Lingüística Aplicada não tem nada a oferecer que possa auxiliar tanto o professor quanto o aluno no processo de ensino-aprendizagem de uma língua antiga, ou aqueles que redigem gramáticas do latim, que seguem esta metodologia, não se interessaram em investigar e se possível adequar ao ensino de língua, ferramentas eventuais que a Lingüística possa fornecer.

É inegável que o ensino de tradição escolar cumpriu ao longo do tempo seu papel de introduzir qualquer estudante no universo das Letras Latinas, mas numa época de transformações, querer se apegar e defendê-lo como abordagem única para a descrição do sistema de uma língua antiga, que sobrevive apenas nos textos literários que produziu nada mais é que anacronismo, uma vez que Donato e outros gramáticos descreviam a língua por declinações, o faziam para falantes que a tinham por língua materna. Esta é uma condição inexistente atualmente, dado que os iniciantes, que se encontram nos cursos de Letras, apenas têm contato com a língua nas horas-aula correspondentes à disciplina que a engloba. Para eles, é preciso uma abordagem diferente, uma vez que as listas de coisas a memorizar constituem um fator de motivação para o repúdio de uma língua, cujos rudimentos apenas conhecerão em um ano.

Contudo, com a permanência da abordagem tradicional (na maioria dos cursos que contam com o latim em seu currículo), que por natureza é alienante, qual a razão para se estudar latim? Dominar melhor a língua materna? Como? Tornar o indivíduo apto para desenvolver qualquer competência? Mas não existiriam outros meios? Desenvolver o raciocínio lógico-matemático?

Esses e uma série de outros mitos são apontados como justificativas para o ensino de uma língua, que não é nada mais em si mesma, do que a porta de acesso para a Literatura e a cultura de um povo desaparecido há muito tempo, mas cujo legado,

ainda sentimos presente em nossos dias: **os romanos**. Ponto em que se concorda com Fiorin (1991, p. 516-7.), quando ele discorre sobre a legitimidade do ensino das Letras Clássicas, que a seu ver:

... surge, assim, da própria formação de nossa cultura, da necessidade de buscar a identidade. Elas permitem-nos fugir da maldição de Eco, que possuía só alteridade, uma vez que não possuía sequer a iniciativa da fala. Ao mesmo tempo, porém, conhecer outras línguas, quaisquer que sejam, é buscar a diferença. Sob a infinita diversidade das línguas é a diversidade das culturas que fascina. Afinal, a língua mergulha numa cultura, define uma sociedade, forja para cada indivíduo uma visão de mundo. Para cada cultura, qualquer outra é motivo de espanto, de desconfiança e até de repulsa. No entanto, o conhecimento íntimo de uma cultura leva à compreensão e à aceitação da diferença. O estudo das línguas leva à alteridade e, portanto, à diferença. Permite-nos fugir do narcisismo, em sua vertente social, o autoritarismo, que nega a alteridade e pretende reafirmar sempre a identidade. É dessa forma que se torna o homem mais humano: nem Eco nem Narciso, nem negação da identidade nem da alteridade. As Letras Clássicas apresentam esse duplo aspecto: o da identidade e o da alteridade. Em sua completude, são uma herança a conservar.

Por isso, levando-se em conta as vicissitudes da sociedade moderna e tendo consciência do contato com a alteridade e as origens de nossa identidade – como membros da civilização judaico-cristã romana –, elementos necessários para a humanização do indivíduo, presentes no estudo de uma língua clássica como o latim, é que se justifica o seu estudo por estudantes do 3º grau ou do ensino básico.

Referências Bibliográficas:

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Noções Fundamentais da Língua Latina**. 8 ed. São Paulo: Saraiva, 1958.

COMBA, Júlio. **Programa de Latim: Introdução à língua latina**. 18 ed. São Paulo: Salesiana, 2002 (Volume 1).

DONATUS, Aelius. De partibus orationis ars minor. [texto]. Disponível em: <http://www.hs-augsburg.de/~harsch/Chronologia/Lspost04/Donatus/don_amin.html>. Acesso em: 20 mar. 2008.

FIORIN, José Luiz. Letras Clássicas no 2º Grau: Competência Textual e Intertextual. In: CARDOSO, Zélia de Almeida (Org.). **Mito, religião e sociedade** (Atas do II Congresso Nacional de Estudos Clássicos). São Paulo: SBEC, 1991. p. 514-19.

GARCIA, Janete Melasso. **Introdução à teoria e prática do latim**. Brasília: Edunb, 1993.

KRAEMER, Márcia Adriana Dias. Ensino gramatical de língua materna: uma arena de conflitos. **Revista Letra Magna** Nº 4, 2006. p. 1-11.

LIMA, Alceu Dias. **Uma estranha língua: Questões de linguagem e de método**. São Paulo: Edunesp, 1995.

REZENDE, Antônio Martinez de. **Latina Essentia**: preparação ao latim. 3 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

RÓNAI, Paulo. **Gradus Primus**. 17 ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

Notas

(1) **Gramática Latina** é a versão mais nova de seu clássico manual, publicada pela Editora Saraiva. A primeira edição da obra é de 1942.

(2) Cuja primeira edição é de 1993.

(3) A tradução de “rosarum” poderia ser “das rosas” ou de “de rosas”. Neste exemplo deve-se, porém, escolher a segunda (Nota do autor).